

Apresentação: ainda estamos aqui

Presentation: we're still here

Chegados à edição número 50 de *ArtCultura*: Revista de História, Cultura e Arte, estufamos o peito para dizer, em alto e bom som, parafraseando o já célebre filme de Walter Moreira Salles¹: ainda estamos aqui. Neste momento, nossa música de fundo é a contagiante “Buda nagô”, uma delicada oferenda lançada ao mar do cancionero de Dorival Caymmi. Como canta seu autor, Gilberto Gil, “Dorival é impar/ Dorival é par”.² E, na conjugação dialética de 5 com 0, a *ArtCultura* 50, modestamente embora, também é impar e par ao mesmo tempo.

“Dorival é impar/ Dorival é par/ Dorival é terra/ Dorival é mar”.³ À semelhança desse imenso compositor baiano, nós transitamos por terras e singramos por mares variados. Transcorridos 26 anos, ao retomarmos as pegadas de nossa caminhada, constatamos que a revista se espalhou, de uma forma ou de outra, pelos cinco continentes do planeta Terra. A prova dos nove está nas demandas de publicação provenientes de países próximos e distantes: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Chile, China, Colômbia, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Gana, Inglaterra, Irã, Itália, Jamaica, México, Nicarágua, Noruega, Peru, Portugal, República Dominicana, Rússia, Suíça, Turquia, Ucrânia e Uruguai, ao que se somam, obviamente, muitas outras oriundas de todas as regiões do Brasil. Essas mil e uma pontes que construímos em diferentes direções foram facilitadas, sem dúvida, pela utilização das infovias, descritas, em termos poético-musicais, por Gilberto Gil em fins do século XX: “antes mundo era pequeno/ porque Terra era grande/ hoje mundo é muito grande/ porque Terra é pequena/ do tamanho da antena/ parabolicamará”.⁴

Dando vazão à sua vocação internacionalista, a *ArtCultura* 50 reúne colaborações procedentes da Argentina, Austrália, Colômbia, Estados Unidos e, como não poderia deixar de ser, do Brasil, mais especificamente dos estados do Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. Integram esta edição dois dossiês. O primeiro, “Música popular e artistas daqui e de outros cantos”, organizado por Adalberto Paranhos, professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pesquisador do CNPq. Nele empreende-se uma “pequena viagem musical pelas transversais do tempo”,

¹ *Ainda estou aqui*. Dir.: Walter Moreira Salles. Roteiro: Murilo Hauser e Heitor Lorega. Baseado na autobiografia homônima de 2015, escrita por Marcelo Rubens Paiva. Distribuição: Sony Pictures Releasing, 2024, color, 135 min.

² “Buda nagô” (Gilberto Gil), Gilberto Gil. *Parabolicamará*. CD WEA, 1991.

³ *Idem*.

⁴ “Parabolicamará” (Gilberto Gil), Gilberto Gil. *Parabolicamará*, *op. cit.*

durante a qual se conferiu peso especial, se bem que não exclusivo, às primeiras décadas da segunda metade do século passado. Artistas e gêneros musicais relevantes foram, então, reprocessados analiticamente, conectados às relações entre arte e mercado, debates sobre canções e representações nacionais, inserção política e questões associadas a *performances* artísticas e de gênero, para além de componentes sonoros e raciais.

O segundo dossiê, “Participação e democratização das políticas culturais: percursos históricos transnacionais”, volta o foco em particular para a Argentina e o Brasil. Organizado por Mariana Gutiérrez – professora dos cursos de graduação em Psicologia Social, da Universidad Blas Pascal (UBP), e de pós-graduação em Políticas Públicas e em Governança e Setor Público, da Universidad Provincial de Córdoba (UPC), e pós-doutoranda, bolsista da Secretaría de Ciencia y Tecnología (Secyt) na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidad Nacional de Córdoba (UNC) – e por Heloísa Selma Fernandes Capel – professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora do CNPq –, ele se lança por águas nunca dantes navegadas na *ArtCultura*. Os esforços concentrados com vistas à democratização das políticas culturais implementadas em ambos os países são o seu denominador comum.

Paralelamente, como é habitual, a seção Além-Brasil se abre à acolhida de uma preciosa contribuição internacional. A ela se seguem 7 artigos que tematizam os vínculos que a História entretém com as artes visuais, cinema e política, mídia e religiosidade afro-brasileira, iconofilia e iconoclastia, bem como com a arquitetura teatral. E o fecho do número 50 fica por conta de uma resenha sobre livro da maior atualidade, que envereda pelos acidentados caminhos percorridos pelo *rap*, nas quebradas das periferias povoadas, em larga medida, por negros e brancos pobres escanteados neste país.

O convite à leitura da *ArtCultura* 50 está feito. Sirva-se dela como quiser.

Adalberto Paranhos
Kátia Rodrigues Paranhos
Editores de *ArtCultura*